

ANTONIO CANDIDO: PENSAMENTO CRÍTICO
DEZ SUGESTÕES DE LEITURAS PARA INICIANTES

Maria Augusta Fonseca (DTLLC)

Com interesse voltado para as relações entre literatura e sociedade, a produção ensaística de Antonio Candido consigna problemas teóricos e críticos com foco voltado para a literatura brasileira como um todo (das manifestações à formação e seus desdobramentos) e também para o estudo de obras, em que se incluem as produções de Santa Rita Durão, Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, Mário e Oswald de Andrade, entre muitos exemplos. Em relação à literatura estrangeira privilegiou obras de William Shakespeare, Giovanni Verga, Franz Kafka, Eça de Queirós, e outros mais. Atento à natureza das obras, não deixa de articular em suas leituras diferentes áreas do conhecimento (história, política, sociologia, antropologia, linguística, psicologia, filosofia), como testemunham seus ensaios, em que se manifestam sua compreensão do mundo e da sociedade. Em “Carrossel” (**Na sala de aula**), por exemplo, estudo centrado na análise e interpretação do poema “Rondó dos cavalinhos” de Manuel Bandeira, o crítico adentra os bastidores do fazer para investigar processos pelos quais o artista dá forma à realidade externa na invenção de um novo mundo. Assim, pelo exame detido da fatura do poema mostra como história, vida social, dados biográficos, e outros elementos, em diferentes graus e medidas, passam a constituir campos de força no universo do poema, estruturados nos fundamentos da arte por ritmos e sons, fecundados por imagens, movidos pelo aparato de choques e tensões internas, por meio dos quais o poeta absorve e interpreta a realidade externa.

O estilo claro e sem rodeios de Antonio Candido, na esteira do filão modernista, ignora a pompa dos adjetivos e a terminologia pedante, evitando qualquer tipo de obscurecimento expositivo, sem abrir mão da profundidade analítica. Em “Movimentos de um leitor – Ensaio e imaginação crítica em Antonio Candido”, Davi Arrigucci Jr. escreve

que “o traço oral da linguagem dos ensaios de Antonio Candido parece dar continuidade a uma literatura, como a modernista, que se construiu muito mediante a fala (que de algum modo a incorporou até à forma do verso livre) apropriando-se de torneios da linguagem coloquial.” Obras como *Vários escritos*, *Na sala de aula*, *O discurso e a cidade*, *Tese e antítese*, *O albatroz e o chinês* são algumas das que testemunham a clareza verbal que ilumina sua forja ensaísta.

Contrário à aplicação de modelos teóricos pré-estabelecidos, porque interessado em investigar processos de criação, Antonio Candido sonda procedimentos que permitem articular as complexas relações entre as partes e o todo de uma obra. No exame dos campos de tensão e de vertentes contraditórias, procura desvendar na obra de arte literária seu “intricado campo de retenção da matéria histórica”. Coloca isso no horizonte de suas preocupações, guindado pela forma artística, uma vez que, afirma, “em literatura as formas ‘significam’ de modo total, isto é: constituem um objeto de contemplação; denotam um sentido; remetem a significados não aparentes.” Assim, numa **entrevista** para o jornal *Brasil de fato*, concedida a Joana Tavares, em 2011, explica que os elementos externos triturados e modificados na fatura da arte verbal são prova de que “aquilo que está na sociedade se torna uma coisa totalmente diferente, que é o texto literário”. Esse processo que conceituou como “redução estrutural” está no cerne de sua investigação do processo criativo. Assim, procura elucidar a sua interlocutora: “A minha fórmula é a seguinte: estou interessado em saber como o externo se transformou em interno”.

Com isso em vista, lembra-se que foi questionando caminhos e afinando sua reflexão em diferentes níveis, que chegou a uma compreensão dialética do texto literário. Numa avaliação em perspectiva que fez de sua trajetória, Antonio Candido reconheceu que na fase inicial (começo dos anos de 1940) sua crítica foi um tanto sectária, dado o interesse de politizar “um pouco demais”. Porém, segundo relata, logo acertou prumos. É que, por volta de 1943, por sugestão de Mário de Andrade entrou em contato com o *New criticism* (Nova crítica norte-americana). O conhecimento desse movimento literário, como explana, foi para ele um verdadeiro “ovo de Colombo” porque lhe permitiu ver que uma obra realizada tem sua autonomia, ainda que possa depender de inúmeros fatores externos, como “personalidade do autor, da classe social dele, da situação econômica, do momento histórico”. Essa individualidade da obra o levou a pensar que “a primeira coisa que é preciso fazer é estudar a própria obra”. Assim fundiu sua reflexão sobre o fenômeno

literário, porque embora concordasse que a essencialidade da obra estava na sua fatura interna, ele não queria abrir mão dos elementos de compreensão externa, de natureza social, que estavam na base de sua formação. Resolveu seu impasse por uma percepção dinâmica do fazer, concluindo que o importante era “reconhecer que a obra é autônoma, mas que foi formada por coisas que vieram de fora dela, por influências da sociedade, da ideologia do tempo, do autor.” E, com isso, descartou as simplificações: “não é dizer: a sociedade é assim, portanto a obra é assim”.

Imbuído desse espírito crítico, Antonio Candido dará precedência de análise às características internas do texto literário, para pôr em movimento a relação dialética que a obra estabelece com o meio social, do qual seus elementos foram extraídos. Na apresentação de uma de suas obras mais importantes, **Formação da literatura brasileira** (1959), Antonio Candido traça caminhos e posturas críticas que fundamentam essa compreensão de especificidades e abrangências, necessárias para o entendimento do fenômeno literário, nos tópicos: “Literatura como sistema”; “Terreno e atitudes críticas”; “Os elementos de compreensão”; “Conceitos”, por exemplo. Essa “Introdução” fomenta problemas de natureza teórica e crítica, e abre diferentes perspectivas de leitura da obra literária. Além de estimular reflexões em favor de problemas gerais, que envolvem a literatura e a cultura, alimenta também o espírito crítico do leitor, em vista da complexidade do problema tratado, centrado nos processos de constituição de nosso sistema literário. Reiterando que a realidade autônoma de uma obra é relativa, adverte: “é preciso ver a obra e o homem de maneira total”. Assevera, também, que para nos afastarmos da reflexão absoluta, necessitamos submeter nossas indagações à prova do contraditório.

A visão integradora entre obra e sociedade foi também difundida por Antonio Candido em exposições públicas, como exemplifica a conferência “**A literatura e a formação do homem**”. Nessa fala pronunciada na desafiadora XXIV Reunião da SBPC, em São Paulo, em 1972, auge dos anos de chumbo da ditadura no Brasil, Antonio Candido reafirma sua posição crítica, lembrando que na sua investigação não dissocia literatura e processo histórico, optando por conhecer “a história e a estrutura” conjuntamente. Anos mais tarde, num período importante da vida brasileira, fazendo parte dos debates em torno da nova constituinte (1987-88), o crítico desenvolverá aspectos fecundos dessa referida conferência no ensaio “**O direito à literatura**” (1988), privilegiando, segundo suas

palavras, “algumas variações sobre a função humanizadora da literatura – sua capacidade de confirmar a humanidade do homem”.

Em um de seus ensaios mais vigorosos, “**Dialética da malandragem**”, Antonio Candido coloca em prática os movimentos de sua reflexão crítica, rastreando novas dinâmicas entre arte e sociedade. Nessa análise interpretativa do romance de Manuel Antonio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*, ele começa por questionar críticos já consagrados (como Mário de Andrade) por terem vinculado esse romance à tradição da picaresca espanhola. Nesse embate, Antonio Candido postula que a comparação perde força porque a experiência social brasileira, consoante flagrada no romance, difere daquela em que se engendrava o pícaro. Por esse viés, distingue o indivíduo que se torna malandro por força do massacre social, como é o caso do pícaro, do universo do malandro nato. Sua análise embasada na fatura artística fundamenta-se na observação do tecido verbal, com predominância do movimento dialético de ordem e desordem, estruturador do relato, que a seu ver configura um mundo hierarquizado apenas na aparência. Nesse horizonte, que envolve relações entre literatura, história e ideologia, captadas pela leitura detida de procedimentos artísticos, Antonio Candido uma vez mais detém “a peculiaridade da experiência brasileira, seja literária seja social”, conforme juízo de Roberto Schwarz (“Entrevista sobre Adorno”). A propósito do acentuado interesse de Candido pela literatura local, Schwarz considera que com essa escolha deliberada o crítico “assumiu resolutamente o valor de uma experiência cultural de periferia”, porém, fazendo ver que o resultado a que chega não tem “nada de periférico”. Isso porque, prossegue Schwarz, ao esmiuçar a particularidade brasileira Antonio Candido nos mostra que “a universalidade das categorias dos países que nos servem de modelo não convence e a sua aplicação direta aos nossos é um equívoco”.

Como se observa, pela amostragem, em seu vasto aparato ensaístico destacam-se estudos pioneiros e fecundos. Entre eles avultam ainda as análises profundas que fez do modernismo de 22. Para Antonio Candido esse período vulcânico de nossa literatura foi uma tentativa de superação de nossos sentimentos inferiores em relação à Europa. Segundo as conjecturas, que fertilizaram suas análises certeiras, o modernismo local buscou entender o Brasil levando em conta a convivência em seu território de dois mundos antagonicamente opostos, sem solução de síntese, porque resultado de deformação. Assim traz para o centro da roda o problema da ambiguidade que é alicerce da cultura brasileira. Na palestra “**Cultura e**

literatura – de 1900 a 1945”, publicada em seu livro *Literatura e sociedade*, Antonio Candido escancara o problema, recordando que somos “um povo *latino*, de herança cultural europeia, mas etnicamente mestiço, situado nos trópicos, influenciado por culturas primitivas, ameríndias e africanas.”

Em torno do movimento modernista, outro texto modelar de Antonio Candido é “**Uma palavra instável**”, em que examina flutuações do conceito de nacionalismo. Essa questão, que está no cerne do movimento de 22, é discutida por ele com base nos múltiplos significados e sentidos contraditórios do termo, à luz de nosso processo histórico. Examinado dessa perspectiva, o vocábulo “nacionalismo” mostra-se para o crítico como palavra de sentido mutável, já marcada por um chão histórico-ideológico. Seu uso tão maleável quanto perigoso, com diferentes conotações e colorações, imprime força a discussões sobre o caráter nacional. No texto em pauta, Antonio Candido ataca o problema de muitos ângulos, amparado na argumentação de especialistas. Apontando diferenças, reconhece que o modernismo brasileiro (salvo exceções) praticou “um nacionalismo crítico”. Com isso imprime complexidade ao modernismo de 22 que, para Antonio Candido, “não foi apenas um movimento literário, mas, como tinha sido o Romantismo, um movimento cultural e social de âmbito bastante largo, que promoveu a reavaliação da cultura brasileira, inclusive porque coincidiu com outros fatos importantes no terreno político e artístico [...]”. Em sua análise arguta, Antonio Candido faz avultar a extensão dos interesses de pesquisa que agitavam a vida intelectual e artística dos modernistas, ressaltando que eles “mergulharam no folclore, na herança africana e ameríndia, na arte popular, no caboclo, no proletário”, provocando um veemente “desrecalque”. E, diga-se, “retirar à literatura o caráter de classe”, como assinala o crítico, não foi esforço de pouca monta. Basta lembrar que, no curso da Primeira República, o Brasil de 1922 contava com um índice de analfabetismo assustador – cerca de 70% - mais de dois terços da população. Esse índice mostra bem o abismo existente entre o mundo da elite e o restante da população, revelando o Brasil como um território de desigualdades e injustiças, o que foi perceptível na crítica e na obra dos modernistas.

Em “**Cultura e literatura**”, ainda em torno de motivações da efervescência modernista, Antonio Candido enfeixou problemáticas locais por duas vertentes. Na primeira, argumenta que “a velocidade, a mecanização crescente da vida nos impressionavam em virtude do brusco surto industrial de 1914-1918, que rompeu nos maiores centros o ritmo tradicional”. Na segunda, considera o importante “papel que a arte primitiva, o folclore, a

etnografia tiveram na definição das estéticas modernas, muito atentas aos elementos arcaicos e populares comprimidos pelo academismo. Ora, no Brasil as culturas primitivas se misturam à vida cotidiana ou são reminiscências ainda vivas de um passado recente”. Em ampla medida, acompanhando as reflexões do crítico, *Macunaíma*, obra-prima de Mário de Andrade, condensaria esse Brasil de muitas contradições, de tensões, exemplar na fusão entre literatura e sociedade. Neste sentido não deixa de aludir a outro artista de gênio, ao declarar que “Oswald de Andrade exprimiu brilhantemente na teoria da Antropofagia todo esse movimento, ao sugerir que a nossa maneira de fazer cultura era devorar a europeia, a fim de transformá-la em carne e sangue nossos.”

Entre as reflexões críticas de Antonio Candido, aqui ressaltadas, estão algumas noções pioneiras, que inovaram o entendimento em profundidade da literatura brasileira (por extensão, da latino-americana), em confronto com o modelo europeu: a relação dialética entre o particular e o universal; o entendimento da obra de arte literária como “redução estrutural”; o princípio dinâmico de ordem e desordem, presente na relação entre a realidade externa e o universo artístico; e a noção de “desrecalque nacional” pela forja modernista.

Vale conferir esses e outros escritos.

Algumas sugestões de leitura

1. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos, 1750-1830.* (1959). Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.
2. “Carrossel”. *Na sala de aula.* Caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1985, pp. 68-80.
3. “A literatura e a formação do homem” (conferência que pronunciou na XXIV Reunião da SBPC, em São Paulo, em 1972) Reproduzido em Vinicius Dantas. *Textos de intervenção* São Paulo: Duas Cidades /Editora 34, 2002, vol. 1.
4. “O direito à literatura” in *Vários escritos*, São Paulo: Duas Cidades, 1995, pp. 235-263. Edição revista e aumentada pelo A.
5. “Uma palavra instável” in *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, pp. 293-305. Edição revista e aumentada pelo A.

6. Entrevista concedida a Joana Tavares, para o jornal *Brasil de fato*. BH, julho de 2011.
7. Entrevista “Sobre o trabalho teórico” in *Trans/Form/Ação*. Revista de Filosofia, no. 1. Assis (SP), 1979. Concedida a Arthur Giannotti. Reproduzida em *Brigada ligeira e Outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 1992, pp. 231-246.
8. Entrevista concedida a um grupo de professores da Universidade Federal de Pernambuco, publicada na revista *Investigações*. A entrevista foi transcrita no livro *Antonio Candido, o observador literário*, Universidade Federal de Pernambuco, 2013. Organizador: Aldo de Lima
9. “Cultura e Literatura – de 1900 a 1945” in *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia. Ed. Nacional, 1973.
10. “Dialética da malandragem” in *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, pp. 19-54.

Textos citados de outros autores no corpo do texto:

Arrigucci Jr., Davi. “Movimentos de um leitor – Ensaio e imaginação crítica em Antonio Candido”, in *Dentro do texto, dentro da vida – ensaios sobre Antonio Candido* (orgs. Maria Angela D’Incao e Eloísa Faria Scarabôto). São Paulo, Companhia das Letras/Instituto Moreira Sales, 1992, p. 184.

Schwarz, Roberto. Entrevista “Sobre Adorno” (2003) in *Mariinha versus Lucrecia*. Ensaios e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 44-51.

Algumas leituras sobre Antonio Candido

Livros:

Antelo, Raúl (ed.) *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburg (EUA), Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, Universidad de Pittsburg, 2001, pp. 286.

Dantas, Vinicius. *Textos de intervenção* São Paulo: Duas Cidades /Editora 34, 2002, vol. 1.

Vários Autores (Org. Maria Ângela d'Incao e Eloísa F. Scarabôto). *Dentro do texto, dentro da vida. Ensaaios sobre Antonio Candido*. São Paulo, Instituto Moreira Salles/Companhia das Letras, 1992.

Vários Autores (Org. Flávio Aguiar). *Antonio Candido – Pensamento e militância*. São Paulo, Humanitas/Fundação Perseu Abramo, 1999.

Revista:

Literatura e Sociedade (DTLLC-FFLCH-USP), nos. 11 e 12, 2009. Ensaaios e entrevistas dedicados ao estudo da obra de Antonio Candido.

Tese:

Aguiar, J. A. “Ensaaios de Antonio Candido: um roteiro de leitura” in *O crítico luminoso e o narrador acabrunhado. Antonio Candido e Grande Sertão: Veredas em dois estudos*. Tese de Livre Docência. DTLLC-FFLCH-USP, 2013, pp. 12-243.

Bibliografia:

Dantas, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo, Duas Cidades/Ed. 34, 2002, pp. 193-265. Vol. 2.

Dados biográficos:

Antônio Cândido de Mello e Souza (ou, Antonio Candido como assina seus ensaios) é ainda hoje, reconhecidamente, o maior intelectual e ensaísta brasileiro. Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 24 de julho de 1918, concluiu seus estudos secundários em Poços de Caldas (MG), mudando-se depois para São Paulo (cidade onde reside). Na segunda metade dos anos de 1930, ingressou na Faculdade de Direito do largo de São Francisco e no curso de Ciências Sociais da recém-fundada Universidade de São Paulo. Com os amigos Paulo Emílio Sales Gomes, Decio de Almeida Prado, Gilda de Moraes Rocha (com quem se casou), entre outros, fundou a revista *Clima*. Ainda muito jovem, foi convidado a escrever rodapés de literatura para o jornal *Folha da Manhã*. Ali, cedo mostrou o alcance de sua percepção crítica ao reconhecer, no calor da hora, o talento literário de estreates como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto. De espírito inquieto e

inteligência incomum, dono de uma memória prodigiosa, Antonio Candido projeta nos seus escritos argumentativos a força integradora de seu espírito combativo, crivado de humor.